

## A SOLIDÃO EM MONTAIGNE E EM ROUSSEAU: ANÁLISE COMPARATIVA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS LINGUAGENS\*

LONELINESS IN MONTAIGNE AND IN ROUSSEAU: COMPARATIVE ANALYSIS IN DIALOGUE WITH THE NEW LANGUAGES

Nelson Maria Brechó Silva\*\*  
Maria Constança Peres Pissarra\*\*\*

### RESUMO

A proposta deste artigo é a análise do conceito “solidão” relacionado à voz e à escritura. Em Montaigne, especialmente no texto *Da ociosidade* (I, 8), nota-se o desejo do ensaísta em buscar na solidão o encontro consigo mesmo. A voz do eu e a escritura ganham força no papel da escrita no intuito de ter a esperança de melhor compreensão de si mesmo, através da escrita com a função da alteridade. Para Rousseau, sobretudo na *Primeira e segunda caminhada dos Devaneios de um caminhante solitário*, percebe-se a vontade de afastar-se do amor-próprio e do tumulto da vida social, a fim de reencontrar e de reestabelecer o eu na solidão. O objetivo das caminhadas consiste em fornecer ao solitário o valor da interioridade. Nesse sentido, Rousseau se aproxima de Montaigne, pois ambos desenvolvem a ligação entre Filosofia e Literatura pelo viés da solidão como trabalho terapêutico. Esta pesquisa fornece, ainda, pistas para se pensar novas linguagens no mundo atual no tocante à vontade de filosofar, e da solidão como ocasião da ociosidade e do devaneio.

PALAVRAS-CHAVE: ociosidade; devaneio; solidão; alteridade; interioridade.

### ABSTRACT

The purpose of this article is analyzing the concept of “loneliness” related to voice and writing. In Montaigne, especially in the text *On idleness* (I, 8), one notes the essayist's desire to seek in solitude the encounter with himself. The voice of the self and writing gain strength in the role of writing in order to hope for a better understanding of oneself, through writing with the function of alterity. Now, for Rousseau, especially in the *First and Second Journey of the Daydreams of a Lonely Wanderer*, one perceives the desire to move away from self-esteem and the turmoil of social life, in order to find and re-establish the self in solitude. The aim of the walks is to provide the solitary with the value of interiority. In this sense, Rousseau approaches Montaigne, as both develop the link between Philosophy and Literature through the bias of solitude as a therapeutic work. This research also provides clues for thinking about new languages in today's world regarding the will to philosophize and solitude as an occasion for idleness and daydreaming.

KEYWORDS: idleness; daydream; loneliness; otherness; interiority.

---

\* Este texto é fruto de uma pesquisa em andamento de estágio pós doutoral no Departamento de Filosofia da PUC-SP, sob a supervisão da professora Dra. Maria Constança Peres Pissarra. Artigo recebido em 31/05/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.

\*\* Doutor em Filosofia (PUC-SP). Doutor em Teologia (PUC-SP). Realiza estágio pós doutoral no Departamento de Filosofia da PUC-SP. Professor do Departamento de Teologia (Faculdade João Paulo II - Marília / SP). E-mail: [nelsonbrecho@yahoo.com.br](mailto:nelsonbrecho@yahoo.com.br).

\*\*\* Doutora em filosofia. Professora Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [mcpp@pucsp.br](mailto:mcpp@pucsp.br).

## INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é a análise do conceito “solidão” em Montaigne e Rousseau. A partir desse pressuposto, busca-se, num primeiro momento, a análise do texto *Da ociosidade* (I, 8) de Montaigne. Ele utiliza o gênero literário *essais*, que se traduz como a arte de ensaiar, de modo a unir a Filosofia com a Literatura em torno da composição dos ensaios. Assim, a sua linguagem vem ao encontro do diálogo com o Humanismo e o Ceticismo, para articular a experiência da solidão com a Filosofia do “eu” caracterizada como encontro consigo mesmo. A escrita permite a configuração da amizade como proposta de aprofundamento e ampliação do “eu”, de sorte que ela instiga o ensaísta no âmbito da alteridade.

Disso decorre, para Montaigne, a relevância da escrita como ensaiar, ou seja, a tentativa de assegurar na história a experiência refletida no processo da ociosidade como forma de produção criativa. O texto escrito adquire, nesse sentido, a função semelhante ao olhar do amigo na elaboração do autorretrato.

Na perspectiva montaigniana, a experiência, que é vivida e refletida, ganha novo estilo literário marcado pela alteridade, ou seja, no convite ao leitor (a) dos *Ensaaios* a fazer a experiência de se interrogar diante da vida. Por essa razão, percebe-se, em Montaigne, uma postura de filósofo humanista interrogativo, porque não se cansa de questionar em face dos desafios encontrados em sua existência.

Num segundo momento, esta pesquisa se dedica ao estudo das caminhadas rousseauianas, sobretudo na *Primeira e segunda caminhada dos Devaneios de um caminhante solitário*. Rousseau utiliza a forma literária narrativa no intuito de descrever a beleza da natureza e do conhecimento a respeito de si mesmo, principalmente na capacidade de exercer o devaneio como modo de conhecer de dentro do “eu” para fora (no mundo).

Desenvolve-se, com efeito, a consciência como sentimento a ser saboreado na solidão, isto é, na construção literária das caminhadas de Rousseau. Ele relaciona a Filosofia com a Literatura na busca de descrever a natureza como lugar de recolhimento de si. Assim, ao valorizar os sentimentos, o filósofo destaca que as ideias podem agrupar os sentimentos no quadro da vida. A atitude de pensar se liga com a tomada de consciência da presença do corpo voltado para si mesmo. Nesse sentido, a pessoa pensa, existe e sente acerca de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Por isso, de acordo com Rousseau, a inserção do sentimento é associada ao devaneio como distração. Dessa forma, nota-se, em seu pensamento, traços de pré-romantismo, particularmente na visão da consciência relacionada ao sentimento. Quando ele observa a natureza em suas caminhadas, ele deseja ir ao encontro do estado original da natureza humana, no intuito de apontar a relevância do ser para si mesmo que simplesmente o parecer diante da sociedade. O filósofo apresenta a compreensão da interioridade no ato de apreciar os sentimentos através da solidão.

Percebem-se claramente algumas características “românticas” em Rousseau, nos Devaneios de um caminhante solitário, mas também, nas obras *Júlia* ou *A Nova Heloísa*, *Emílio* ou *Da Educação*, *Confissões*, nos *Diálogos: Rousseau Juiz* de Jean-Jacques e nas *Cartas* – claro, e por isso mesmo, ocasionando uma fratura da estética classicista com o seu “Pré-Romantismo”, na sua própria exaltação idílica, além da afirmação da grandeza anímica da Natureza, em suas imagens poéticas que solicitam o cultivo de si mesmo e a herborização, sem deixar de requisitar, tanto a palavra quanto o silêncio, os caminhos e descaminhos. (FAÇANHA, 2012, p. 45).

Embora os filósofos a serem estudados sejam de épocas diferentes, uma vez que Montaigne pertence ao século XVI e Rousseau ao século XVIII, ambos tomam a solidão como algo positivo e, de fato, enriquecedor. Se Montaigne abre o caminho à alteridade, por intermédio da escrita como uma experiência de amizade; Rousseau, por sua vez, destaca a importância dos sentimentos na vida interior da pessoa. O recolhimento filosófico e literário favorece o florescimento de novas linguagens no mundo atual para que ocorra a superação do imediatismo e do consumismo que, tantas vezes, deteriora a natureza humana.

## 1 A SOLIDÃO EM MONTAIGNE COMO ALTERIDADE

Quando se imerge no pensamento de Montaigne, nota-se que o itinerário da interioridade é, realmente, algo fundamental no processo de filosofar. O autoconhecimento se desdobra na elaboração dos *Ensaio*s como forma de exteriorizar a vida interior. Desse modo, a ferramenta literária do ato de ensaiar faz com que o ensaísta reflita a partir de suas experiências vividas, de maneira que faz a interação entre a imaginação e a razão. É interessante, para tanto, a menção a respeito do devaneio, embora as noções de solidão e ociosidade sejam necessárias. Por esse motivo, a análise do ensaio intitulado *Da ociosidade* (I, 8) alarga a compreensão do devaneio. Ele afirma:

E nesse estado [imaginação] não há loucura nem devaneio que não produzam certa agitação [...] Retirei-me há tempos para as minhas terras, resolvido, na medida do possível, a não me preocupar com nada, a não ser o repouso, e viver na solidão os dias que me restam. Parecia-me que não podia dar maior satisfação a meu espírito senão a ociosidade, para que se concentrasse em si mesmo, à vontade, o que esperava pudesse ocorrer porquanto, com o tempo, adquiriria mais peso e maturidade. (MONTAIGNE, 1962, p. 34, tradução nossa).

O recolhimento que Montaigne realiza em suas terras possibilita o retiro em silêncio. Assim, o gesto de silenciar favorece à imaginação se deparar com o devaneio proveniente da relação entre a vida agitada e o repouso. A relação entre a Literatura e a Filosofia acontece na capacidade de adquirir uma nova linguagem para falar de si mesmo pelo auxílio da ociosidade e pelo desenvolvimento dos *Ensaaios*. O tempo da escrita envolve o amadurecimento, visto que os fatos vividos adquirem o formato literário e filosófico. A dimensão antropológica entra, nesse cenário, em voga, porque ela é capaz de conciliar o conhecimento interior com o ensaio numa linguagem inovadora, na qual o autor faz o uso dinâmico das palavras para inserir os seus comentários filosóficos. A concentração em si mesmo define bem a postura de sair da agitação para debruçar na meditação.

Conforme Cardoso (2010, p. 258), entre os renascentistas a ética denota um quadro de referências mais antropológicas e pedagógicas, “visto que remete (como ocorria aos Antigos) à ideia de excelência humana e à questão da formação do caráter, a aquisição das disposições virtuosas que promovem uma vida bem sucedida e, principalmente feliz”. Constata-se que esse comentário colabora na compreensão de que o prolongamento do tempo desenvolva um maior peso e amadurecimento do pensamento de Montaigne. O retiro em silêncio se caracteriza em desacelerar a mente do mero cumprimento das tarefas diárias.

Isso implica que a atitude de retirar-se envolve a dimensão pedagógica. Montaigne seleciona as principais experiências para dar visibilidade no escrito de sua imaginação. Por isso, ele não segue uma forma rígida de argumentação, pois prefere o aspecto literário de ensaiar para que possa, a cada vez de escrever, ampliar aquilo que foi dito anteriormente. A reflexão e a imaginação se entrelaçam na solidão como modo de perder o tempo no ócio solitário. O amadurecimento das ideias consiste num exercício, no qual o filósofo interage com a composição da escrita como alteridade. É imprescindível se revelar diante da obra literária.

A ética renascentista e humanista assume uma significação civilizatória, de alcance universalista. Ela se refere à formação ou instituição do Homem, genericamente tomado, pois os homens se humanizam, realizam sua humanidade na *dignitatis humanae*. Montaigne se

reveste de diversos traços da formação renascentista e humanista, tais como: a importância de se refletir sobre a vida interior; a utilização da língua latina, entre outros. Todavia, ele critica algumas características do pensamento renascentista e humanista, como o exagero da repetição do pensamento grego e latino; o antropocentrismo e outras. Disso resulta que ele se torna um humanista interrogativo, porque, pelo enlace literário-filosófico, emerge a linguagem do ensaio como união da imaginação com a razão na descrição de si e do mundo.

A língua latina, na qual Montaigne foi educado, permite o amadurecimento do seu pensamento e a oportunidade de participar da comunidade culta de sua época. Falar e escrever em latim possibilita o acesso à literatura clássica, de modo especial à retórica. Apesar de ser uma língua de difícil aprendizado, ela indica um longo caminho a ser executado para que o filósofo possa, de fato, incorporá-la. Nesse sentido, ela edifica a *virtus* do ensaísta, porque fortalece e enobrece as suas principais virtudes, particularmente a sua passagem de uma vida agitada na política para uma vida solitária no diálogo literário-filosófico com a construção do autorretrato. Cardoso (2010, p. 258) comenta:

[...] por meio dele [o latim], os homens se afastam de seu cotidiano e de suas particularidades (manifestadas pelas línguas vernáculas) e se projetam para além deles mesmos, na dimensão de sua humanidade. O latim – o genuíno, puro – associa os homens, aproxima-os dos mais dignos e os faz melhores; seu difícil aprendizado constitui o caminho superior da moralidade.

Além disso, a língua latina adquire ainda uma forma diferente do humanismo de sua época. Os humanistas, de certa forma, exageravam no uso do latim de Cícero, até mesmo nas próprias aulas mediante exercícios de memorizações. Montaigne coloca em julgamento o pensamento latino de Cícero e não simplesmente o repete. Revela, com isso, a sua originalidade de buscar o novo pelo antigo, o que torna o seu pensamento dinâmico e à frente de seu tempo. Ele expressa, conseqüentemente uma nova linguagem em sua época em torno da exposição da diversidade de opiniões e da filosofia do “eu” a partir do ensaio como “outro”. Por isso, o ensaísta ressalta a alteridade na figura do amigo La Boétie e, com a sua morte, na continuidade da escrita de seus *Ensaaios*. Segundo Starobinski (1992, p. 42-43), a obra de Montaigne se encontra inacabada:

Sua obra reside inteira no memorial de que não terminou de compor o texto. Não pode valer-se de nenhuma obra-prima anterior. Montaigne adotaria antes a atitude contrária, recusando a negligência e a imperfeição de sua palavra. Assim, a bela língua [latim] que ele maneja adquire seu vigor, isenta que está da preocupação de uma realização formal segundo os modelos aceitos, enquanto tantos escritores e

oradores da época, na ambição de fazer-se admirar, entravam em um ciceronismo pomposo.

A educação envolve o contato com as diferentes culturas, a fim de que o homem possa se deparar com a sua precariedade humana. Quanto mais conhecer o mundo, o homem se deparará com as suas limitações que o levam a saborear as opiniões e refletir sobre elas. Dessa forma, Montaigne se abre ao mundo em vista de compreender as diferentes opiniões em torno de um mesmo assunto. A riqueza humana se dá na ampliação do próprio ponto de visão, no intuito de ver a multiplicidade de valores a respeito da vida. O elo entre uma cultura e outra é a conscientização da *dignitatis humanae*. Com isso, o filósofo elabora a filosofia da subjetividade para aflorar a busca incessante de compreensão de si mesmo, por intermédio do ensaio como alteridade, que instiga o redator a refletir e a se conhecer na composição literária de seus pensamentos e das citações dos pensadores clássicos gregos e latinos.

A relação entre Literatura e Filosofia ocorre pela arte de ensaiar. Os ensaios são o esforço de trazer no âmbito do escrito as experiências vividas. A memória possui uma força fundamental a ser desenvolvida na elaboração da reflexão. O ócio solitário promove a experiência escrita a partir do pressuposto da vivência dos fatos. Montaigne incorpora bem a posição de ensaísta, pois deixa que os ensaios dialoguem com ele. Trata-se de uma produção literária que se amplia a cada vez que se retoma o labor de ensaiar na solidão. Cardoso utiliza a metáfora da música para explicar a experiência em Montaigne. Ele fala:

A experiência se manifesta, enfim, não como conhecimento, mas como a aglutinação de uma música, lábil e instável, produzida pela polifonia das vivências passadas, à qual se busca harmonizar e adequar as ações do presente. É no buscar afinar-se a esta “música”, no associar-se a esta “orquestra”, é que a ação encontra alguma orientação, um certo sentido. (CARDOSO, 2010, p. 260).

Montaigne se afasta das certezas das artes e da ciência e inscreve a experiência no âmbito da diversidade da natureza, da instabilidade das coisas. A experiência apenas fornece indícios, conforma imagens e alimenta conjecturas. A pintura de si nos *Ensaaios* sugere a dúvida constante e a humanização a partir do próprio “eu”. Vale mencionar que a dúvida é o fio condutor no exercício de retirada em silêncio. O local a ser aplicada a reflexão se torna uma espécie de retiro para que o ensaísta consiga tecer as suas reflexões com o apoio dos filósofos antigos. Por consequência, ele é um humanista interrogativo, pois não cessa de decifrar a si mesmo e o mundo. A solidão é a ocasião de se encontrar com o outro; em outras palavras, a composição ou ampliação dos ensaios.

O pensamento de Montaigne é, de acordo com Mirashi (1996, p. 23, tradução nossa), “uma concepção do indivíduo concreto e uma doutrina da imanência existencial”. A visão desse intérprete é muito interessante, porque vai ao encontro do cerne dos *Ensaaios* como uma filosofia do “eu”. Morre um amigo, mas ainda resta a outra parte do eu. Filosofar permite o conhecimento integral do homem, não como centro do universo, tampouco como homem fraco e sim como em descoberta constante de si mesmo. Com efeito, os *Ensaaios* serão os novos amigos de Montaigne. O devaneio é o exercício da imaginação com a razão para gerar os ensaios como forma de dar um sentido concreto à existência. Por essa razão, a ociosidade é fundamental para que no ambiente solitário possa ocorrer a leitura dos clássicos e o registro das experiências vividas. A escrita assegura no mundo aquilo que foi vivido e que pode ser meditado pelo próprio ensaísta e pelas futuras gerações.

A solidão, em Montaigne, desperta a produção literária impregnada de citações clássicas. O ensaísta fez o estudo profundo do latim, a fim de fortalecer a *virtus*. Ele é uma pessoa virtuosa, porque, apesar de passar pela experiência da morte de La Boétie, não se deixa levar pela melancolia, pelo contrário, ele encontra no silêncio em suas terras, especialmente no Castelo a oportunidade de resgatar a esperança de dar continuidade à vida, mesmo com a ausência do amigo, de sorte que a solidão ganha o sentido de alteridade. A postura de escrever no ócio solitário é similar ao encontro com o amigo, pois instiga o filósofo a retornar na posição daquele que duvida acerca de si e do mundo.

Diante disso, a solidão não é o lugar do tédio e sim da produção literária e filosófica como trabalho terapêutico das dores e das alegrias. A ociosidade não é sinônimo de irresponsabilidade e sim de repouso, pois o ato de repousar restabelece as energias para prosseguir na caminhada da vida. Montaigne sublinha o caráter criativo do ócio como ocasião de maior compreensão do humano e de sua interioridade. A escrita dos *Ensaaios* está vinculada à imagem do espelho, que reflete as imagens. Assim, em cada retomada da produção, a linguagem escrita agrega a alteridade, de maneira que sempre se abre para a partilha de novas experiências como forma de ampliação do conhecimento.

## **2 A SOLIDÃO EM ROUSSEAU COMO INTERIORIDADE**

O tema da solidão aparece profundamente no pensamento de Rousseau, sobretudo na obra *Devaneios de um caminhante solitário*. Ela é associada ao caminho da vida interior, de modo que o filósofo realiza mediante o devaneio a ocasião de exercitar o ócio solitário.

Diferentemente de Montaigne, que liga a solidão à alteridade, Rousseau a vincula à interioridade. O conhecimento do interior conduz ao melhor entendimento do exterior, visto que acontece a primazia do sentimento em contraposição às ideias. É preciso, com isso, desfrutar do próprio “eu” e da existência para encontrar o sentido da vida na apreciação da consciência composta pelo sentimento.

Moretto (1995, p. 13) cita Marcel Raymond, em *Vérité et poésie*, ao conferir ao termo *rêverie* o sentido do verbo *rever* que se explica pela suposição de um latim *reexvagare* [“vagabundear de dentro para fora”]. Tal definição remete a palavra à ideia de vagabundagem interior, de abandono e do descanso de pensamento, da qual Rousseau se apropria ao chamar suas anotações de devaneios. Com efeito, ele, tal como Montaigne, faz a ligação entre Literatura e Filosofia pelo viés da narração de suas caminhadas. O ócio solitário se caracteriza como a necessidade do retiro para encontrar consigo mesmo, no ensejo de saborear os sentimentos com a finalidade de escrever para si mesmo e, por esse motivo, a solidão como interioridade para descobrir os sentimentos que levam à elaboração do sentido da vida. A caminhada na obra *Devaneios* é uma espécie de relaxamento do Ser.

Os *Devaneios* deixam entrever os últimos passeios do mês de junho, num contentamento maravilhoso: caminhar muito além do que foi realizado, numa espécie do relaxamento do Ser. Os destinos estão terminados, encerrados, decididos, lacrados. Os livros tornaram a fechar-se. Não haverá mais necessidade doravante de ser nem Rousseau, nem Jean-Jacques, nem contra, nem a favor, nem ninguém. Apenas e tão somente uma vibração entre as árvores e pedras, pelos caminhos. Caminhar como uma respiração da paisagem. (GROS, 2010, p. 83-84).

Segundo Larrère (2012, p. 27), Rousseau, nos *Devaneios*, “está tão bem na natureza que a fronteira entre o interior e o exterior se desfaz: essa é a grande novidade”. Se a natureza engloba a formação integral do filósofo, não há razão de se fazer separação entre interior e exterior, porque o devaneio possibilita a distração e o divertimento, enquanto que a reflexão cansa e entristece. É necessário que o caminhante solitário seja um indivíduo independente. Ora, Rousseau abre o caminho para o Pré-Romantismo, uma vez que valoriza o sentimento por meio do devaneio como forma de sentir a natureza antes mesmo de conhecê-la.

A classificação pré-romântica chama a atenção, porque o pensamento rousseauiano realça o sentimento da existência na sua imanência à natureza. Por sua vez, a natureza é pensada sob o modo de interioridade, uma vez que ao mergulhar no interior de si mesmo, de modo particular no mais íntimo do ser, a pessoa se encontra com a natureza. Isso implica que a vida não se reduz a uma função meramente biológica. É fundamental que a pessoa possa

fazer e agir com os seus próprios sentidos, que dão o sentido da existência na sua dimensão essencial. Com isso, o devaneio proporciona a condição de ser para si mesmo. Disso decorre que a natureza não é como um termo colocado em alteridade com o “eu”, mas como aquele que o constitui, ou ainda como sua essência.

O desenvolvimento da física moderna, ao esvaziar a natureza de toda finalidade, de toda normatividade, conduziu a uma cisão da noção de natureza, entre a natureza física, exterior, neutra e a natureza humana, na qual se refugia a normatividade. Essa cisão é característica da ideia de natureza na primeira metade do século XVIII (EHRARD, 1994). Nesse contexto, Rousseau ressalta a relevância de voltar o olhar para si e, posteriormente, direcionar a visão para fora de si, a fim de ver o mundo de uma nova forma que é pautada pela aplicação mais dos sentimentos do que pelo julgamento. A ordem lógica vai do sentir ao refletir sobre os sentimentos e as ideias. Quando se coloca primeiramente o refletir, perde-se o caráter natural da vida humana, de forma que o sentido da vida fica reduzido à capacidade de julgar as coisas em vez de senti-las e saboreá-las.

Rousseau caminha constantemente em busca de si mesmo na solidão, sem se prender na preocupação de convencer ou de demonstrar aos outros a sua opinião. O filósofo possui apenas a si como leitor, de forma a deixar o seu espírito vagar no exame de consciência. Ele faz a tentativa de encontrar um sentido para a vida, visto que somente em si encontra a consolação, a esperança e a paz. Assim, ele procura colocar em ordem a imaginação em torno das lembranças, confidências e reflexões, por meio da coerência interna do “eu”. A linguagem do filósofo “está marcada por hesitações; por meio dela, falam diferentes vozes, não como vozes dissonantes, mas que se entrelaçam, como a estabelecer uma relação entre o pensamento, a escrita e a vida” (PISSARRA, 2015, p. 4).

Ademais, Rousseau (1959, p. 1061, tradução nossa) se apresenta como abandonado por todos: “Eis-me, portanto, sozinho na terra, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo amigo, companhia.” Só lhe resta, então, conhecer a si mesmo. A solidão será a oportunidade de encontro com o próprio “eu”, no intuito de se distanciar da vida pública. Nesse sentido, a fase madura de Rousseau o leva ao caminho das raízes de sua natureza para tomar consciência de seus sentimentos em contato com a própria natureza, em profunda sintonia com ela na forma de um retiro afastado das demais pessoas. Além disso, percebe-se um paradoxo entre a palavra devaneio e caminhada:

Se a reunião no mesmo título das palavras *rêverie* (devaneio) e *promenade* (caminhada), pode intrigar o leitor desavisado ao reunir palavras de significados opostos, trata-se de mais um paradoxo entre tantos recorrentes nos textos de Rousseau: ao se referir ao ato de pensar, ele ressalta a presença do corpo como fundamental. O homem não é puro pensamento, o cogito cartesiano é substituído por um corpo vivo que pensa e que se sente vivo. (PISSARRA, 2015, p. 4).

Nos *Devaneios*, não é somente a natureza de Rousseau, nele próprio, que ele aprende a conhecer, é a natureza fora dele que ele dá a conhecer. As “caminhadas” são aquelas que o conduzem pela campanha que rodeia ainda Paris de perto (2a, 6a e 9a caminhadas), pela ilha de Saint-Pierre ao meio do lago de Bienne (5a caminhada), por toda parte onde o leva seu gosto de herborizar, e particularmente pelos lugares mais recônditos e mais selvagens, no coração da montanha suíça (7a caminhada). Esse modo de descrever a natureza denota a percepção de Rousseau em gostar da natureza, porque recolher-se na observação dela permite, concomitantemente, conhecer a interioridade da natureza humana. O devaneio possibilita a peregrinação romântica em se surpreender com a descoberta dos sentimentos que motivam a interioridade humana, dentre eles o encantamento na arte de sentir a presença das coisas e a dinâmica livre e simples da própria natureza, que é diferente da rotina engessada da sociedade em torno dos interesses políticos e econômicos.

É simplesmente porque a oposição entre natureza e sociedade é tão radical que, se não se está na sociedade, só se pode estar na natureza. Ora, Rousseau levou até o fim sua oposição à sociedade do seu tempo. Ela o excluiu radicalmente, ele se encontra só, em face do resto da humanidade, que formam um todo: “tudo o que me é exterior me é estranho de hoje em diante [...] Não tenho mais neste mundo nem amigos, nem semelhantes, nem irmãos. Estou na Terra como em um planeta estranho onde eu caí daquele que eu habitava” (ROUSSEAU, 1959, p. 999, tradução nossa). O caminho da interioridade alimentado pela solidão em plena natureza abre novos horizontes para descrever acerca do humano.

Mas, assim excluído da sociedade, Rousseau se reencontra na natureza, que se opõe tão radicalmente à sociedade quanto esta se opõe ao indivíduo solitário que Rousseau tornou-se. Não se pode estar, ao mesmo tempo, na natureza e na sociedade. Quando Rousseau era acolhido pelo mundo dos homens, as caminhadas que, agora, encantam-no, entediavam-no, porque todo acesso à natureza lhe era barrado. O mundo da vida pública é profundamente marcado pelas relações supérfluas e pouco duradouras, pois são movidas pelo sistema do interesse. Por isso elas cansam, em virtude de utilizar constantemente a razão para se adequar

aos interesses do público. As caminhadas, por sua vez, são bem mais desafiadoras, porque elas dão acesso aos sentimentos que mexem com a estrutura do sentido da vida.

Ao falar de si próprio na terceira pessoa, Rousseau (1959, p. 816, tradução nossa) assinala: “o concurso dos objetos sensíveis torna suas meditações menos secas, mais doces, mais ilusórias, mais apropriadas a ele por inteiro”. É o “eu” por inteiro, não somente o entendimento, que se entrega ao devaneio. Isso pode, inclusive, explicar o gosto pela botânica, visto que ela, enquanto ciência, realiza a descrição dos objetos exteriores. O ócio solitário treina o coração para sentir o prazer em bem-viver a vida em contato mais próximo com a natureza.

Para Almeida (2016, p. 94), a solidão em Rousseau se assemelha à terapia:

Nos Devaneios, a solidão é uma espécie de terapia: reencontrar e reestabelecer o “eu” desiludido com a vida social, porquanto a solidão faz com que a contemplação pelos sentimentos ressurgja no coração do homem impossibilitado de viver em sociedade. Essa terapia acalenta uma alma à procura de paz para o “eu” que se recompõe para se amar. É um movimento que visa expressar a concentração e a expansão de si, no seguinte sentido: na concentração, no retorno a si como um movimento de introspecção, o “eu” se expande para vivenciar as sensações mais puras que existem. Portanto, nos Devaneios Rousseau inauguraria um novo movimento, pois pela terapêutica da solidão, a liberdade é a afirmação de um eu isolado encerrado em si mesmo.

O trabalho terapêutico da solidão em Rousseau guia à interioridade para que o “eu” desenvolva a liberdade de se sentir bem consigo mesmo. Em contrapartida, a vida pública anula a busca de si mesmo para reduzi-lo àquilo que o “eu” pode proporcionar de utilidade ao interesse público. A pessoa não é capaz de emitir a sua própria opinião, porque teme ser rejeitada pelos demais membros do grupo. No entanto, ao caminhar em contato com a natureza, ela passa a conhecer os seus sentimentos pela atividade da contemplação, que amplia os horizontes do sentido da vida com um olhar de esperança e que joga novos desafios. A paz é, para isso, cultivada no ambiente que seja fornecedor da expansão de si mesmo, pois favorece a introspecção em vista de perder o tempo nas sensações que sejam mais genuínas.

A imaginação e os devaneios são estimulados pela caminhada. Com isso, Rousseau se deixa andar em meio à natureza para melhor ouvir a crítica que ela permite fazer à sociedade e ao progresso fundados na desigualdade. Os sentimentos e as ideias são agrupados por afinidades. Vale mencionar que o sentimento de existência é resultado do devaneio no recolhimento de si mesmo. Trata-se de um jogo que envolve a sedução e o amor de si, cujo benefício é a solidão como ocasião de interioridade e de purificação de toda consideração

social, pois a construção de si vai em direção à sensibilidade e ao sentimento de si, que são traços peculiares do Pré-Romantismo.

## CONCLUSÃO

Tanto a visão de Montaigne no tocante à escrita dos *Ensaaios* como via de alteridade, quanto o horizonte de Rousseau no que se refere à consciência como sentimento e o caminho da interioridade alargam a compreensão sobre a solidão como tarefa que implica a experiência, a reflexão, o sentimento e a criatividade, por meio da ociosidade e do devaneio. Constata-se que eles souberam dialogar com as novas linguagens na época em que eles viveram, porque eles ligam a Filosofia com a Literatura em direção ao conhecimento da natureza humana. Assim, estudá-los no mundo atual abre diversas pistas para superação do imediatismo e do consumismo, dentre elas a vontade de filosofar, assim como da solidão enquanto lugar do acolhimento da alteridade e do recolhimento na interioridade como trabalho terapêutico.

Se Montaigne vive a solidão como oportunidade de refletir sobre as suas experiências vividas a fim de deixá-las registradas nos *Ensaaios*, nota-se que o ensaísta procura transcrever a memória no escrito, a fim de salvaguardar a sua história. Ele faz o uso do seu conhecimento erudito com as suas experiências cotidianas. Desse modo, redigir é conhecer a si mesmo pelo caráter fundamental da alteridade, uma vez que a redação questiona o ensaísta e o faz refletir em torno de si mesmo.

No caso de Rousseau, a vivência da solidão o conduz à interioridade, porque o devaneio, que é associado ao ócio, é o estado mental do conhecimento de si. Por esse motivo, o filósofo se torna um caminhante solitário; em outras palavras, na busca da construção de si mesmo. Realiza, com efeito, um trabalho terapêutico no cuidado da própria natureza, porque se insere na capacidade de sentir a presença do corpo. Nesse sentido, o devaneio possibilita ao filósofo se desligar das opiniões alheias para aplicar os sentidos em vista da concepção da formação de sua própria identidade mediada pela natureza e pela botânica no retiro em recolhimento consigo mesmo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F. A solidão terapêutica nos devaneios de um caminhante solitário de Jean-Jacques Rousseau. *Kínesis*, Santa Maria, v. VIII, n. 16, p.83-95, 2016.

CARDOSO, S. Montaigne: uma ética para além do humanismo. **O que nos faz pensar**, PUC Rio, n. 27, p. 257-278, 2010.

EHRARD, J. **L'idée de nature en France dans la première moitié du XVIII e siècle**. 2<sup>e</sup> édition. Paris: Albin Michel, 1994.

FAÇANHA, L. S. O prenúncio da “Natureza Romântica” na escrita de Rousseau. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, n. 21, p. 43-55, 2012.

GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.

LARRÈRE, C. Jean-Jacques Rousseau: o retorno da natureza? **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, USP, n. 21, p. 13-30, 2012.

MIRASHI, R. La découverte conflictuelle de l'individu à la Renaissance. *In*: MIRASHI, R. **Les figures du moi et la question du sujet depuis la Renaissance**. Paris: Armand Colin, 1996. p. 13-25.

MONTAIGNE, M. **Essais**. Paris: Gallimard, 1962.

MORETTO, F. M. L. Introdução. *In*: ROUSSEAU, J. J. **Os devaneios do caminhante solitário**. Brasília: Editora da UnB, 1995.

PISSARRA, M. C. P. Escrita, verdade, virtude. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 22, n. especial Rousseau, p. 1-10, 2015.

ROUSSEAU, J. J. **Les rêveries du promeneur solitaire**. Œuvres Complètes. Paris: Gallimard, 1959 (Bibliothèque de la Pléiade, v. 1).

STAROBINSKI, J. **Montaigne em movimento**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.